

Joelmir Beting

"Todos os mineiros preferem trabalhar em silêncio. Menos um."

José Maria de Jesus, cidadão perplexo.



Com Brasil

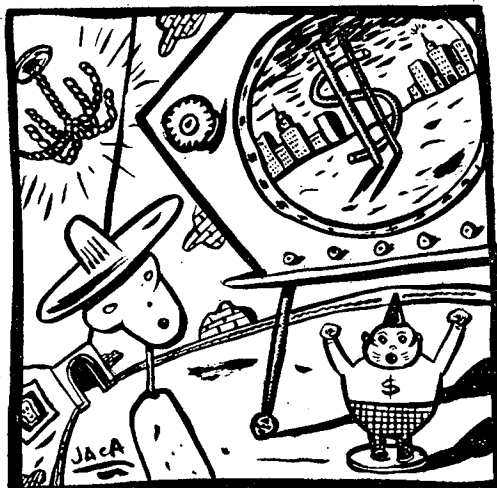
Vantagem em nada

Pagando salário médio de US\$ 165, com mínimo perto de US\$ 50, a economia brasileira deve levar vantagem na competição com países que dão tratamento civilizado ao fator trabalho. E nada menos de 87 países do mundo pagam salário médio acima do que está sendo pago hoje a 63 milhões de brasileiros. O Brasil exporta arrocho salarial e deve estar abrindo os cotovelos no banquete do mercado mundial.

□□□ Ou será que não? Bem ao contrário, estamos perdendo posição relativa no intercâmbio mundial de bens e serviços. Nas exportações, nossa fatia foi reduzida para 1,1% do panetone planetário. Em 1980, o Brasil era o 19º exportador do mundo. Agora, é o 27º. Nas importações, nossa participação tornou-se ridícula, no mesmo páreo da Albânia: 0,7%.

□□□ Há um cacho de explicações para as perdas de competitividade internacional da economia brasileira. A estagnação endêmica é a primeira delas. Os vazios estruturais do sistema e os desvios institucionais do modelo aprofundam o desgaste externo. A baixa produtividade da economia acabou agravada, nos últimos sete anos, pela sabotagem de cinco choques encavalados: as empresas tiveram de trocar a administração holística de custos pela remarcação defensiva de preços. O interventor perdeu mais que o competidor.

□□□ Eis que a economia moderna aplica nova rasteira na desajeitada economia brasileira. O avanço tecnológico



dos últimos anos destruiu as vantagens comparativas da mão-de-obra barata e dos recursos naturais abundantes. É cada vez menor a dependência do produto industrial à economia das matérias-primas. E é cada vez menor o peso da mão-de-obra (bem remunerada) no custo industrial do Primeiro Mundo.

□□□ Nos Estados Unidos, a mão-de-obra representa 18% do custo de produção das fábricas. Há dez anos, 23%. No Japão, declina para 15%. A prova disso é que os americanos começam a trazer de volta para os Estados Unidos fábricas que haviam transferido para o exterior. E os japoneses, em regime de pleno emprego, preferem exportar fábricas para os Estados Unidos e para a Europa Ocidental. E não para o Terceiro Mundo.